

PROFESSORA SOB A MIRA DO HELICÓPTERO EM CUIABÁ: PRÁTICA DOCENTE NA ERA DA PÓS-VERDADE E A CRISE DAS FAKE NEWS

Data de submissão: 23/09/2024

Data de aceite: 01/10/2024

Marcel Thiago Damasceno Ribeiro

Prof. Dr. Docente no PPGE da UFMT

André Luiz Barriento

Discente de Doutorado PPGE da UFMT

RESUMO: A professora de uma escola da rede particular de Cuiabá-MT, foi suspensa depois de tecer críticas ao então presidente da República durante a aula para uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental, e a gravação ter circulado por grupos de aplicativos de mensagens instantâneas e pelas redes sociais. No dia seguinte, um helicóptero das forças de segurança pública do governo do estado realizou um sobrevoo no prédio da escola exibindo a bandeira do Brasil. Entre as versões e ambiguidades que transitavam entre a comemoração da semana da pátria e um ato político indevido usando dinheiro público, o fato foi entendido por professores e entidades representativas como uma forma de intimidação. Por fim, restou o silêncio da docente e um flagrante ataque à prática de professores reflexivos. Longe de tentar valorar as ações que permeiam o episódio que ganhou destaque em noticiários por todo o país, este artigo visa refletir como a prática docente pode

transitar pela Era da Pós-Verdade e crise das *fake news* e ir além do racionalismo técnico denunciado por Dewey, Schön e Zeichner. Para isso, utiliza-se o olhar multirreferencial proporcionado pela Teoria da Complexidade e tridimensional da Pesquisa Narrativa. A partir de informações jornalísticas, memórias pessoais e análises epistemológicas, busca-se tecer reflexões sobre as implicações de casos como este na atividade docente em novos tempos, incertos, hiperconectados e desafiadores os quais vivemos.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-verdade; Práticas Docentes; Professor Reflexivo; Pesquisa Narrativa.

UNDER THE SIGHT OF A HELICOPTER IN CUIABÁ: TEACHING PRACTICE IN THE POST-TRUTH ERA AND THE FAKE NEWS CRISIS

ABSTRACT: The teacher at a private school in Cuiabá-MT, was suspended after criticizing the then President of the Republic during class for a 3rd year elementary school class, and the recording circulated through groups of instant messaging applications and through social networks. The following day, a helicopter from the state

government's public security forces flew over the school building, displaying the Brazilian flag. Among the versions and ambiguities that transited between the celebration of the country's week and an undue political act using public money, the fact was understood by teachers and representative entities as a form of intimidation. Finally, there was silence from the teacher and a flagrant attack on the practice of reflective teachers. Far from trying to value the actions that permeated the episode that gained prominence in the news across the country, this article aims to reflect on how teaching practice can transit through the Post-Truth Era and the fake news crisis and go beyond the technical rationalism denounced by Dewey, Schön and Zeichner. For this, the multi-referential look provided by the Theory of Complexity and three-dimensional Narrative Research is used. Based on journalistic information, personal memories and epistemological analyses, we seek to reflect on the implications of cases like this in teaching activity in the new, uncertain, hyperconnected and challenging times in which we live.

KEYWORDS: Post-truth; Teaching Practices; Reflective Teacher; Narrative Research.

BAJO LA MIRADA DE UN HELICÓPTERO EN CUIABÁ: LA PRÁCTICA DOCENTE EN LA ERA DE LA POST-VERDAD Y LA CRISIS DE LAS FAKE NEWS

RESUMEN: El profesor de una escuela privada de Cuiabá-MT, fue suspendido tras criticar al entonces presidente de la República durante una clase de 3º año de la enseñanza básica, y la grabación circuló por grupos de aplicaciones de mensajería instantánea y por redes sociales. Al día siguiente, un helicóptero de las fuerzas de seguridad pública del gobierno del estado sobrevoló el edificio de la escuela, mostrando la bandera brasileña. Entre las versiones y equívocos que transitaron entre la celebración de la semana patria y un acto político indebido con dinero público, el hecho fue entendido por docentes y entidades representativas como una forma de intimidación. Finalmente, hubo silencio por parte del docente y un ataque flagrante a la práctica de los docentes reflexivos. Lejos de pretender valorar las acciones que permearon el episodio que cobró protagonismo en las noticias de todo el país, este artículo pretende reflexionar sobre cómo la práctica docente puede transitar por la Era de la Post-verdad y la crisis de las fake news y superar el racionalismo técnico denunciado por Dewey, Schön y Zeichner. Para ello se utiliza la mirada multirreferencial que aporta la Teoría de la Complejidad y la Investigación Narrativa tridimensional. A partir de información periodística, memorias personales y análisis epistemológicos, buscamos reflexionar sobre las implicaciones de casos como este en la actividad docente en los tiempos nuevos, inciertos, hiperconectados y desafiantes que vivimos.

PALABRAS CLAVE: Post-verdad; Prácticas de Enseñanza; Docente Reflexivo; Investigación narrativa.

1 | PRIMEIROS PASSOS

Uma notícia da capital mato-grossense dificilmente ganha destaque nacional sem estar atrelada a uma tragédia, um crime bárbaro ou desastre ambiental. Essa é a reclamação comum por parte dos jornalistas de Mato Grosso. O resultado é uma visão deturpada sobre o que realmente ocorre fora dos grandes centros urbanos do país. Acredita-se ser essa

também uma forma de mentira.

Além de árvores, plantas, animais e agronegócio, um dos destaques nacionais do ano pandêmico de 2021 envolveu a professora do Ensino Fundamental de uma escola particular de Cuiabá-MT. No dia 31 de agosto daquele ano, uma docente foi suspensa por três dias depois de supostamente criticar o então presidente da República, Jair Messias Bolsonaro. Os comentários da professora foram gravados em áudio e teriam causado revolta em alguns pais de alunos, depois da gravação circular por grupos de aplicativos de mensagens instantâneas. Rapidamente o assunto se espalhou e ganhou manchetes de sites de notícias em Mato Grosso e por todo o país.

Poucas horas após a punição, um helicóptero das forças de segurança do estado de Mato Grosso realizou um sobrevoo no prédio da escola exibindo a bandeira do Brasil. A direção da instituição de ensino alegou coincidência, que a exibição ocorrera por conta das comemorações da semana da pátria, mas o ato foi entendido por líderes estudantis, entidades sindicais e associações que representam profissionais de educação como uma forma de intimidação à professora¹. Independentemente da veracidade das versões, a professora se calou.

Este ensaio visa estabelecer, a partir de uma visão tridimensional da Pesquisa Narrativa, o entrecruzamento entre o fato amplamente divulgado na imprensa, o papel do professor reflexivo e a importância de compreender a complexidade impulsionadas pela Era da Pós-Verdades e da crise das Fake News.

Para isso, analisa-se as descrições das experiências, das temporalidades dos espaços escolares e das memórias sobre a vivência estudantil destes autores, bem como as percepções e as experiências como estudantes e docentes, no sentido de entender como o professor reflexivo pode exercer e aprimorar suas potencialidades na atividade docente na contemporaneidade.

Inicia-se o percurso apresentando alguns desafios da atividade docente para o professor que atua de maneira reflexiva a partir das contribuições de Dewey, Schön e Zeichner (GERALDI *et al.*, 1998). Após apresentar o referencial teórico e o suporte metodológico oportunizado pela Pesquisa Narrativa, faz-se uma exposição sobre os conceitos de Pós-Verdade e Fake News. Esses conceitos serão úteis para refletirmos sobre as implicações de casos como este na atividade docente e como a formação inicial e continuada podem contribuir na preparação de profissionais para enfrentar esses novos tempos incertos, hiperconectados e desafiadores.

2 | DESAFIOS DA ATIVIDADE DOCENTE

A atividade docente no Brasil tem se tornado um desafio cada vez maior nos

¹ Ubes repudia sobrevoo de helicóptero em escola com bandeira do Brasil: "inaceitável". Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2021/09/4947418-helicoptero-com-bandeira-sobrevoa-escola-apos-professora-criticar-bolsonaro.html>>. Acesso em 25 out. 2021.

últimos anos. Diversos autores têm se debruçado sobre essa situação². Além da falta de investimentos financeiros, da realização de políticas públicas desconexas com a realidade estudantil e do sucateamento da infraestrutura escolar pública, o contexto da Pós-Verdade e a crise das *Fake News* parecem estar favorecendo o fortalecimento do racionalismo técnico na rede particular de ensino.

O professor reflexivo defendido por Dewey, planejado por Schön e aprimorado por Zeichner já enfrentava o campo minado do tecnicismo privilegiado pela sociedade contemporânea (GERALDI *et al.*, 1998). Agora, porém, parece viver uma forma de repressão, uma perseguição feita por grupos ideológicos polarizados a partir de interesses político-partidários e econômicos, com o suporte de redes de desinformação operando as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

Inicialmente acredita-se ser importante destacar o perfil e o papel do professor reflexivo como profissional investigador de sua prática (SCHÖN, 1992). A partir da discussão dos tipos de saberes fundamentais à profissão docente, bem como da natureza desses saberes no processo de investigação da prática pedagógica, o professor pode apropriar/produzir os conhecimentos de maneira mais efetiva, conectado com a realidade móvel e fluida, característica da pós-modernidade ou modernidade líquida (BAUMAN, 2001).

O pragmatismo de Dewey reduzido à racionalidade técnica aparenta estar no centro gravitacional da administração escolar contemporânea. Índices e metas definidas por políticas públicas como objetivo privilegiando a aferição da qualidade afastam o planejamento de ensino da experiência da vida concreta, levando a formação de professores para uma espécie de pseudo-pragmatismo inconsciente. Dessa forma, o caminho percorrido há mais de um século por teóricos e educadores reconhecidos mundialmente acabam deixados de lado como se não existissem, principalmente no Brasil, que vivencia em pleno Século XXI o flerte com projetos de colégios militares com o foco na obediência, memorização de conteúdo e na disciplina. O ápice do racionalismo técnico, que gera uma clausura ideológico-administrativa no docente, pode saquear sua criatividade, esvaziar a alma da professora e do professor e limitá-los a um aspecto burocrático ao transformá-los em uns meros cumpridores de tarefas.

O professor reflexivo, pelo contrário, tem espaço para pegar impulso e voar! O ambiente oferece condições para analisar as necessidades sentidas, pensar alternativas de soluções, experimentar as possibilidades do ponto de vista mental e depois colocá-las em prática. Os equívocos são inerentes e até necessários, dada a relevância de abraçar as incertezas da complexidade da vida (MORIN, 2006) e da natureza humana que carrega como característica o inacabamento (FREIRE, 2019). A liberdade no lugar do medo oferece a chance de ir mais longe e chegar mais alto, em um movimento transversal e dialógico

2 Por exemplo, ver NASCIMENTO, F. do; FERNANDES, H. L.; MENDONÇA, V. M. de. O ensino de ciências no Brasil: história, formação de professores e desafios atuais. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639728>. Acesso em: 25 out. 2021.

que não deixa de lado os aspectos culturais, políticos, econômicos e sociais na educação.

A lógica da ação reflexiva é contrária a uma posição rotineira, passiva e acomodada. Além da atividade automatizada, orientada por impulso, tradição ou autoridade, busca unir razão e emoção, de maneira atrelada, para oportunizar uma visão ampla para perceberem os problemas (GERALDI *et al.*, 1998).

As professoras e os professores com ações reflexivas não ficam presos a uma só perspectiva, examinam criteriosamente as alternativas que a eles se apresentam como viáveis, como também aquelas que lhes parecem mais distantes da solução, com o mesmo rigor, seriedade e persistência (GERALDI *et al.*, 1998, p. 191).

Dessa maneira, a partir da abertura da mente, assumindo as responsabilidades e empenhando-se em dedicação, atitudes reflexivas apontadas por Dewey, o docente encontra a energia e a disposição para vivenciar as experiências docentes de maneira a reduzir os desgastes dos atritos desnecessários. Podendo, assim, realizar avanços por meio de movimentações conscientes e humanistas, sempre levando em consideração as consequências de seu trabalho, tanto no âmbito pessoal e acadêmico, quanto no político e social.

3 | O OLHAR DA PESQUISA NARRATIVA

A experiência da professora não é relatada à imprensa. Tampouco, tivemos a oportunidade de ouvir sua narrativa. Entretanto, podemos relatar a experiência vivida pela docente a partir do contexto dos noticiários jornalísticos da época. Isso é possível porque a Pesquisa Narrativa (ou autobiográfica) é utilizada como aporte metodológico neste artigo. Esse método/fenômeno de investigação qualitativa representa um processo dinâmico de contar e vivenciar, recontar e reviver histórias que une pesquisadores e participantes para um caminhar em conjunto no sentido de iluminar contextos sociais e teóricos. No estudo da Educação, a Pesquisa Narrativa transpassa a limitação dos dados quantificáveis ou das amostras qualitativas voltadas a problemas rígidos e preestabelecidos.

Antes de buscar uma definição desse método/fenômeno, para afastar o risco de simplificações que poderiam descaracterizar o aspecto complexo da Pesquisa Narrativa, faz-se necessário recorrer a Clandinin e Connelly (2011), para visualizar que essa forma de fazer Ciência é um verdadeiro estudo de vida a partir das experiências, esta última uma palavra central na Pesquisa Narrativa, pois experiência e vida estão diretamente inter-relacionadas e aprendemos sobre a Educação pensando na vida e na vida pensando em Educação. “A contribuição de uma pesquisa narrativa está mais no âmbito de apresentar uma nova percepção de sentido e relevância acerca do tópico de pesquisa, do que no de divulgar um conjunto de declarações teóricas que venham somar ao conhecimento na área” (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p. 75). Dessa maneira, o pesquisador narrativo não prescreve usos e aplicações gerais, mas em contrapartida oferecem um lugar para o leitor

imaginar seus próprios usos e aplicações sobre os fenômenos narrados.

Educadores estão interessados em vidas. Vida, pegando emprestado a metáfora de John Dewey, é Educação. Educadores estão interessados na aprendizagem e no ensino e no como esse processo ocorre; eles estão interessados em saber lidar com as vidas diferentes, os valores diferentes, as atitudes diferentes, as crenças, os sistemas sociais, as instituições e estruturas e no como eles estão todos unidos para aprender e ensinar. (CLANDININ e CONNELLY, 2015, p. 22).

A partir das investigações, o pesquisador é convidado a pensar narrativamente, ou seja, olhar o mundo a partir de um ponto epistemologicamente diferente do que boa parte dos pesquisadores estão habituados: a partir de si. Esse será nosso principal recurso neste artigo. As teorias e as leituras serão utilizadas como algo além de meras ferramentas, mas como uma tecnologia instalada no próprio ser, como um “aplicativo operando na alma do pesquisador”, fazendo uma analogia com a telemática.

Assim, os pesquisadores presentes neste artigo podem pensar junto e apresentar as experiências vividas tanto no período em que ocorre o episódio, quanto na produção destas reflexões, representando um olhar tridimensional sobre o fenômeno estudado, ou seja, sobre a experiência da professora.

A Pesquisa Narrativa ingressa na ciranda da vida cotidiana, em movimento, com pesquisadores e participantes olhando para dentro e para fora, para si e para o outros, unindo lembranças e esperanças sem olvidar o espaço e o contexto social em que estão inseridos. Toda essa riqueza reunida como textos de campo depois é trabalhada, compartilhada, revivida e recontada no Texto de Pesquisa, oportunizando novos horizontes para a Ciência e para os próprios envolvidos na investigação. Seria extremamente rica nossa pesquisa se tivéssemos conseguido ouvir a professora suspensa, mas entendemos os riscos que ela assumiria ao falar sobre suas experiências no fatídico evento. Infelizmente, ela segue em silêncio. Nós, porém, não.

3.1 Aspecto tridimensional da pesquisa narrativa

A Pesquisa Narrativa utiliza o olhar tridimensional para analisar as experiências. Temporalidade, interações pessoais e sociais combinadas à noção de lugares são os pontos vetoriais desse método/fenômeno. Dessa maneira, a situação da pessoa no tempo e no espaço e as interações que surgiram ou surgem criam as experiências observadas pelo pesquisador, trabalhadas a partir de suas próprias experiências. Por isso, não há objeção entre analisar um fato passado com o olhar do presente, tampouco restrições sobre os múltiplos referenciais que possam surgir a partir do arsenal de conhecimentos de cada pesquisador. Embora o fato em análise tenha ocorrido em 2021, pode ser que ainda gere efeitos nas mentes das pessoas envolvidas direta ou indiretamente.

O espaço tridimensional para a investigação narrativa traz “a temporalidade ao longo

da primeira dimensão, o pessoal e o social ao longo da segunda dimensão e o lugar ao longo da terceira” (Clandinin e Connelly, 2011, p. 85). Esse espaço possibilita o movimento em quatro direções: introspectivo, extrospectivo, retrospectivo e prospectivo.

Essas quatro direções da investigação narrativa reforçam que pesquisar uma experiência é experienciá-la simultaneamente. Na direção introspectiva são levadas em consideração as condições internas como sentimentos, esperanças, reações estéticas e disposições morais. Já a extrospectiva, condições existenciais, ou seja, o meio ambiente tem destaque. Os movimentos retrospectivos e prospectivos estão relacionados à temporalidade, isto é, presente, passado e futuro.

Assim, elaboram-se perguntas, coletam-se notas de campo, derivam-se interpretações e escreve-se um texto de pesquisa que atenda tanto a questões pessoais/ sociais olhando interna e externamente dentro de um aspecto temporal que transpassa o acontecimento presente, abordando passado e futuro. O lugar diz respeito às fronteiras físicas concretas e topológicas das paisagens de pesquisa, completando o aspecto tridimensional da Pesquisa Narrativa.

Dessa maneira, a suspensão de uma professora em uma escola particular que apresenta matriz ideológica conservadora e tradição religiosa católica, por exemplo, ocorre de maneira diversa do que em uma instituição pública da periferia, mesmo que ambas possam estar ancoradas no racionalismo técnico.

O resultado que o pesquisador pode obter com a Pesquisa Narrativa está diretamente ligada ao uso dessa maneira de produzir conhecimento, pois consiste em transpassar fronteiras a partir da prática reflexiva de escuta e autoescuta. Assim, o pesquisador assume os “vários eus” da investigação narrativa vivenciando ao menos o duplo papel de pessoa e investigador. Aqui, a experiência como aluno de várias instituições de ensino, do fundamental à pós-graduação, não pode estar desconectada das reflexões e conclusões preliminares.

Clandinin e Connelly (2001) ressaltam que Dewey contribui para pensarmos a experiência “além da caixa preta”, ou seja, além da noção de que a experiência é algo irredutível, que não poderia ser investigada. Assim, relatam o aspecto tridimensional a partir dos termos que utilizam:

[...] nossos termos são pessoais e sociais (interação); passado, presente e futuro (continuidade); combinados à noção de lugar (situação). Esse conjunto de termos cria um espaço tridimensional para a investigação narrativa, com a temporalidade ao longo da primeira dimensão, o pessoal e o social ao longo da segunda dimensão e o lugar ao longo da terceira. (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.85)

Por essa razão, os estudos narrativos apresentam dimensões que se fixam sob o prisma sujeito-tempo-lugar, representando um movimento adequado para (re)conhecer as experiências vividas pela professora na narrativa em análise.

4 | A ERA DA PÓS-VERDADE E A CRISE DAS FAKE NEWS

Os termos “modernidade”, “pós-modernidade”, “modernidade líquida” e “Era da Pós-Verdade” não apresentam fronteiras epistemológicas bem delimitadas. Precisa-se decidir quais autores utilizar-se-á para posicionar o nosso entendimento, e mesmo assim, corre-se o risco de resvalar em ambiguidades. No entanto, o olhar multirreferencial oportunizado pela Teoria da Complexidade (MORIN, 2006), auxilia-nos a transitar por entre esses espaços conceituais sem o risco de se cometer grandes impropriedades.

A Era da Pós-Verdade, uma das mais novas definições para descrever a contemporaneidade, está diretamente atrelada ao avanço da telemática, bem como ao uso das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs). A delimitação entre o ambiente físico e virtual torna-se inexistente (se é que essa divisão um dia existiu!). As conversações realizadas nas redes sociais digitais no ciberespaço e nos aplicativos de mensagens instantâneas geram a fusão da cibercultura com o cotidiano social, político e econômico. Neste ecossistema comunicacional complexo e difícil de delimitar, o conceito de verdade que já vinha sendo desconstruído pelo relativismo, tem papel secundário, quase que inexistente.

Reatualizando o pensamento de Platão, que via entre a verdade e o poder um insanável conflito de interesses, ao ponto de considerar que as pessoas preferem o que é popular à verdade, hoje a retórica política continua a manter-se nesse equilíbrio instável onde a imprecisão da linguagem está ao serviço da persuasão e da construção de pós-verdades. (FIGUEIRA e SANTOS, 2019, p. 5)

As *Fake News*, neologismo anglo-saxão utilizado para definir informações falsas produzidas com aparência de notícias jornalísticas, surgem nesse ambiente como um efeito colateral ou anomalia causada por pessoas e grupos mal-intencionados que visam ganhos políticos e/ou financeiros a partir da disseminação de informações falsas.

Percebe-se que existe uma diferença ontológica entre os termos Pós-Verdade e *Fake News*. A primeira está ligada a um caráter volitivo que pode ser neutro, ou seja, a pessoa acredita nas informações que compartilha porque esta subjaz a suas crenças religiosas, preferências ideológicas, políticas ou seu estrato cultural. Geralmente não está ligada a uma vontade de enganar o outro, estando mais para uma simples indiferença ou negligência sobre a análise das informações que recebe e difunde (GIACOIA, 2018).

Já as *Fake News* são mentiras instrumentalizadas que visam objetivamente atender a motivações de seus criadores e difusores originários. São informações falsas apresentadas esteticamente no formato de notícias que visam enganar o interlocutor e pode, conseqüentemente, ensejar o surgimento ou o reforço de Pós-Verdades (FIGUEIRA, e SANTOS, 2019).

Hoje, qualquer pessoa pode produzir (e distribuir) informação falsa (Southwell et al., 2018; Jenkins, 2006), fruto do novo paradigma da comunicação que

marca o fim do velho monopólio em que os *mass media* viveram durante mais de um século, porquanto vivemos, agora, na expressão de Manuel Castells, numa sociedade de “autocomunicação de massas”. Tal significa que um indivíduo, sem formação específica na construção de informação ou, sequer, reputação, pode em muitos casos superar o número de leitores que órgãos de comunicação tão influentes como a CNN, Fox News ou The New York Times atingem (FIGUEIRA e SANTOS, 2019, p. 8).

A disseminação de *Fake News* e a geração de Pós-Verdades têm sido utilizadas principalmente em campanhas eleitorais e para legitimar decisões políticas controversas. Todavia, tem influenciado veementemente a prática docente, pois polarizam as discussões e desconectam os interlocutores da possibilidade de um relacionamento dialógico de crescimento mútuo. Assim, o docente não consegue atingir a consciência e acionar o bom senso de um pai de aluno, por exemplo, por este estar preso em uma bolha ideológica de Pós-Verdades ao ser bombardeado diariamente por centenas de informações falsas disfarçadas de notícias.

A sala de aula, presencial ou virtual, não está imune a essa realidade. Exatamente essa característica social acabou como fato gerador do episódio que analisamos neste artigo, pois imersos em Pós-Verdades, pais, professores e gestores escolares enfrentam dificuldades para dialogar. Por fim, reações extremas podem ocorrer e gerar crises ou propiciar o surgimento do imobilismo.

5 | A SUSPENSÃO DA PROFESSORA E O HELICÓPTERO SOBRE A ESCOLA

O som do helicóptero surge no vídeo gravado por celulares pelos próprios alunos no pátio da escola³. Estupefatos, os estudantes parecem transitar entre a empolgação e o receio, agitados pela situação, no mínimo inusitada. Em outro vídeo, uma estudante faz uma pergunta/exclamação sobre o que estaria acontecendo. A aeronave tripulada por agentes de segurança pública expõe a bandeira do Brasil e fica parada por alguns instantes sobre o pátio da escola particular, depois se vai.

Percebe-se o vídeo como uma versão distópica do início da música “Another Brick In The Wall”, da banda Pink Floyd, e sua crítica ganha novas dimensões para nós. Lembramos do tempo da escola como um espaço seguro. O Ensino Fundamental na escola pública nos anos de 1980 tinha seus problemas, mas era um local amigável em que a figura do professor era respeitada e quase que elevada ao transcendental como o ser especial portador do conhecimento.

No episódio em análise, a professora afastada por três dias talvez não estivesse na escola para ver a exposição militar privada, mas provavelmente soube do ocorrido, pois a suspensão que já havia sido amplamente divulgada na imprensa ganhou novos episódios. Nos dias seguintes, a imprensa estadual e nacional repercutiu o fato como

3 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zivHA8lajos>>. Acesso em 25 mai. 2023.

algo desproporcional, cheio de ambiguidades e com versões que transitavam entre a “comemoração à semana da pátria” e uma “manifestação político-partidária indevidas com recursos públicos”. A professora, também nesse episódio, não falou em público.

Depois de as supostas críticas feitas pela docente ao presidente da República terem “viralizado”, ou seja, ter atingido grande repercussão na internet e na imprensa, a voz da docente desapareceu do ambiente público. Antes de ser suspensa, sua fala, em sala de aula, tratou de assuntos como desmatamento, terras indígenas, garimpo e sobre a polêmica em relação à urna eletrônica (G1, 2021). Se a forma estava em desacordo com as normas da escola; ou mesmo se as supostas críticas desagradaram interesses pessoais e ideológicos, era inegável que os temas eram atuais e estavam contextualizados com o ambiente social e político brasileiro.

A docente teria caracterizado ainda os apoiadores do presidente como pessoas corruptas. Essa aparente generalização indevida, que talvez tenha agravado sua situação, poderia ser fruto da falta de abertura para reflexão de fatos e contextos sociais, pois tanto a professora, quanto os pais vivenciam experiências que são influenciadas pela Era da Pós-Verdade e são bombardeados ininterruptamente por informações e conteúdos produzidos para desinformação.

Os alunos, a maioria com idades entre 7 e 9 anos, não estão fora desse fluxo comunicativo. Pelo contrário, certamente a maioria tem celulares inteligentes conectados à internet e passam diversas horas do dia recebendo e compartilhando informações. Eles mesmos gravaram os vídeos do sobrevoo.

Tentamos imaginar como a docente convive com esse ambiente novo e incerto. Como é ensinar a alguém que parece saber mais do que a gente? Um aluno que pode rapidamente acessar um banco de dados infinito em milésimos de segundo com um dispositivo na palma da mão e checar tudo o que se falou em aula, quase que instantaneamente.

Quando frequentávamos a escola, com essa idade, e recebíamos uma informação, havia três opções: acreditar, duvidar ou perguntar a outro adulto. Hoje, os jovens têm a rede mundial de computadores, são extremamente articulados do ponto de vista linguístico e, por vezes, contam com pais mais abertos ao diálogo. Acrescenta-se aqui mais um elemento, a Inteligência Artificial, que trataremos em outro estudo. O professor, no entanto, que tinha um lugar especial e sustentava a credibilidade do mestre, hoje transita entre a angústia e a insegurança. Como docentes, vivenciamos essas incertezas diariamente na graduação e pós-graduação.

Desta forma, acredita-se ser imprescindível destacar que a busca pela prática reflexiva ao invés de ser estimulada pode acabar censurada por conta de episódios como o relatado neste artigo. Se houve erro na forma de trabalhar os temas pela professora, ajustes poderiam ser propostos pela direção pedagógica. A grande exposição e a consequência gravosa para a imagem da profissional junto a seus pares e sociedade pode eliminar qualquer possibilidade de inovação na prática docente. Sem falar no impacto que

certamente ocorre no ambiente escolar como um todo. Dificilmente um professor (ativo ou em formação) não se sentiu ofendido ou extremamente incomodado com o desdobramento do caso.

Vivenciando a experiências docentes temos convivido com a insegurança desses tempos desafiadores. A pandemia de Covid-19 trouxe a sala de aula para dentro da nossa casa pelas aulas virtuais e híbridas. Assim, pôde-se acompanhar ao vivo algo que estava reservado ao professor e seus alunos e alunas. Isso pode assustar mesmo quem manifesta um grande apreço pela atividade docente. Lidar com essas emoções junto com o medo gerado pela crise de saúde pública é bastante desafiador. Lembremos que o professor e a professora são seres humanos e também enfrentam essas dificuldades.

Segundo Zeichner (apud GERALDI *et al.*, 1998) a prática reflexiva no ensino tem dois movimentos básicos. O primeiro surge a partir da reação ao tecnicismo a partir de uma crítica generalizada à racionalidade técnica em que o professor e a professora buscam romper com o papel de mero cumpridor de ordens; e o segundo movimento valoriza a prática com a reflexão que visa romper a tradição de que conhecimento somente é produzido pela academia. O que foi identificado como uma afronta às regras da instituição de ensino, poderia ser uma tentativa de evoluir, de dar aulas melhores, de promover uma prática docente reflexiva. Mas, a voz da professora foi afastada, não apenas pelos três dias de sua suspensão.

Pensa-se que talvez devêssemos ouvi-la e transcender o que foi dito durante a aula. A mensagem que nos chega pelas entrelinhas da ação docente da profissional de uma escola particular inacessível para a maioria das pessoas pobres que vivem na capital mato-grossense, pode nos falar mais do que as críticas ao então presidente da República. Ensinar exige criticidade, risco, aceitação do novo e rejeição de qualquer forma de discriminação, nos ensina Freire (2019). Precisamos avançar, nada de regredir.

Ao nosso ver, a atividade docente reflexiva perde espaço nesse ambiente de medo e tensão. Com a utilização das TICs, imersos na Pós-Verdades, gestores educacionais e pais ou mesmo alunos e outros professores geram um ambiente Panóptico⁴ (FOUCAULT, 2014) de patrulhamento ideológico que desfavorece uma pedagogia autônoma (FREIRE, 2019). O receio de represálias pode gerar movimentos de castração pedagógica desconectando o docente do “que-fazer” alinhado a suas potencialidades. Diferentemente daquele das prisões, o panoptismo agora é digital e tem celulares conectados à internet no lugar de torres de vigilância.

Infelizmente, a educação tecnicista e a concepção bancária parecem ter se fortalecido nos últimos anos, por conta do momento histórico e político vivido no país. Talvez seja um flagrante alerta para todos os educadores para que lutem para nos libertar

4 De acordo com Michael Foucault (2014), o efeito mais importante do Panóptico é induzir o detento a um estado consciente e permanente de visibilidade, a uma sensação de vigilância permanente que visa assegurar o funcionamento automático do poder.

desse cárcere que enfraquece o avanço do desenvolvimento humano ao sufocar a liberdade para o exercício da docência no sentido da vocação ontológica de Ser Mais (FREIRE, 2013). Agora pode ser a hora de refletir sobre a reflexão e retomar a criação de novos conhecimentos na ação, em que a prática reflexiva já seja automática na docência e possamos avançar para novos patamares docentes, pedagógicos e epistemológicos.

6 | CONCLUSÃO E RECOMEÇO

A formação docente tem de estar preparada para a Era da Pós-Verdade. Olvidar essa realidade é semear problemas futuros que serão difíceis de solucionar. Seja na formação inicial ou continuada, o uso das TICs e suas implicações precisam estar presentes. Entretanto, não podemos nos render à ingenuidade de que saber usar as tecnologias sem refletir sobre suas consequências e potencialidades poderá nos levar a algum lugar. As implicações são muito mais substanciais do que os usos, uma vez que tecnologias mais avançadas surgem todos os dias e as consequências seguem deixando marcas pelo caminho. Atualmente vivenciamos a Era da Pós-Verdade e a Crise das *Fake News*. Em breve, a Inteligência Artificial tornará estar por toda a parte, no mundo educacional.

Acreditamos que essa via sem volta necessita da aproximação entre teóricos e práticos. A superação das tensões entre acadêmicos e professores, entre a pesquisa e a prática de ensino, mostra-se urgente para a criação de um professor reflexivo renovado. A busca a partir da transdisciplinaridade defendida por Morin (2006) pode levantar questões relevantes relacionadas à interação das novas TICs no ambiente educacional. Nossas reflexões incipientes em sua natureza podem ser um pequeno, mas importante movimento para transitar na Pós-Verdade e auxiliar no combate da crise das *Fake News*. Esse não é um papel exclusivo da Educação, mas tem nela um aliado relevante.

Deixamos mais perguntas do que respostas neste artigo e talvez seja melhor assim, pois são elas que movimentam o mundo. Talvez tenhamos saudade do respeito que parecia existir pelos docentes, principalmente nas séries iniciais, no passado. A voz da professora suspensa não apareceu mais em público, na imprensa ou nas redes sociais. Pode ser que ela ainda tenha falado em sala de aula. Talvez seja esse apenas “mais um tijolo no muro”, parafraseando com a música do Pink Floyd. O alerta que fica para nós é muito marcante: não podemos nos calar ou mesmo aceitar o silêncio como normal. Pois, abandonar a reflexão na docência é uma forma de censura que poderá nos levar ao dia em que nenhum de nós poderá mais falar.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, S. *Modernidade Líquida*. Zahar, 2001.

CLANDININ, J.; CONNELLY, M. **Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores IEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

FIGUEIRA, J.; SANTOS, S. **As Fake News e a Nova Ordem (DES) Informativa na Era da Pós-Verdade**. Edição do Kindle. Portugal: Imprensa Universidade de Coimbra, 2019.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Edição do Kindle. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

G1. **Professora é suspensa por três dias por criticar Bolsonaro e os apoiadores dele em sala de aula em Cuiabá. Reportagem, site de notícias**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2021/09/01/professora-e-suspensa-por-tres-dias-por-criticar-bolsonaro-e-os-apoiadores-dele-em-sala-de-aula-em-cuiaba.ghtml>>. Acesso 24 out. 2021.

GERALDI, G. M. G.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. M. A. (Org.). **Cartografias do trabalho docente: professor(a) pesquisador(a)**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 1998.

GIACOIA JR, O. **Pós-Verdade**. Conferência de abertura no Seminário Pós-Verdade do Instituto de Estudos Avançados (IdEA) da Unicamp, em 11 de setembro de 2018. Vídeo publicado no canal do Instituto no Youtube. Campinas-SP, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SYDSO_zAXMo>. Acesso em 18 jun. 2021.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SHÖN, Donald A. Formar Professores como Profissionais Reflexivos. In: NÓVOA, Antonio. Os Professores e a Sua Formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 77-92.